A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

VANESSA VOLPI MACHADO

RESUMO
Este estudo aborda a relevância do ato de narrar histórias na Educação Infantil. O objetivo principal é entender o valor de narrar histórias no contexto da Educação Infantil. Através de uma pesquisa qualitativa, descobriu-se que essa atividade incentiva a imaginação, contribui para o crescimento e para a autonomia e o pensamento, permitindo experimentar várias emoções como medo e ansiedade. A pesquisa tem um caráter qualitativo e foi realizada por meio da leitura de artigos, dissertações, monografias. Os contos infantis têm a capacidade de auxiliar as crianças em seus sentimentos, ansiedades e obstáculos. As histórias infantis levam ao Universo da imaginação, tornando-se grandes aliadas no desenvolvimento de bebês, crianças e adolescentes. No âmbito educacional escolar, a atividade de narrar narrativas tem uma presença mais notória na Etapa Inicial do Ensino, cuja proveniência é frequentemente confundida com a narrativa coletiva das crianças. Isso ocorre porque, logo após a interrupção da amamentação, elas eram consideradas seres humanos em miniatura e não necessariamente dependentes dos indivíduos mais velhos. Dessa forma, inversamente, as crianças é que deveriam auxiliar os adultos nas obrigações diárias.

PALAVRAS-CHAVE: Narração de Histórias; Educação Infantil; Literatura Infantil.

INTRODUÇÃO

A habilidade de relatar eventos é muito antiga. É uma forma mágica que se difundiu desde o seu surgimento por todos os cantos do globo. Em épocas passadas, as pessoas se reuniam ao redor do fogo para descansar após um dia árduo de trabalho, e os mais velhos se regozijavam em compartilhar suas narrativas.

Quando se pensa em crianças, desde tenra idade elas sentem a necessidade de dar vida aos seus sonhos, com certeza através da arte que permite que tudo seja possível, suas fantasias, encantamentos e anseios de explorar outros mundos, pois quando uma criança ouve um conto de fadas, sua imaginação cria outro, de acordo com sua própria percepção.

A narrativa verbal desperta emoções e auxilia no aprendizado da criança. Elas precisam estar imersas em uma cultura que as encoraje a pensar, sentir e experimentar, e a história possui esse poder de despertar a sensibilidade, a emoção e, da mesma forma, ensinar e moldá-las para a vida. Uma história contada de maneira adequada transportará a criança para um universo fabuloso que a fará experimentar uma grande felicidade.

A prática de relatar histórias é uma tradição ancestral que remonta aos tempos pré-escrita, quando as pessoas se valiam da oralidade para compartilhar eventos comunitários, transmitindo assim conhecimentos, tradições, valores, mitos e crenças de uma geração para outra. Além disso, essa prática também servia como forma de entretenimento e lazer (FARIA, 2017).

De acordo com Cavalcanti (2002, p.28), "Há registros de que as primeiras narrativas eram relatos fantásticos sobre a possível origem do mundo". Segundo Cavalcanti (2002, p.63):

A ação de contar/ escutar histórias rende os indivíduos a partir de épocas memoráveis. No transcorrer da história da raça humana, os indivíduos a cada instante compartilharam da ação de contação de história. “O sujeito é por natureza e alma do cidadão da narração, dessa forma um contador de histórias.

Os primeiros textos destinados ao público infantil surgiram no final do século XVII e início do século XVIII. Antes disso, não havia escritos voltados para esse público. A criança participava da vida adulta, compartilhando a mesma literatura. Existiam, então, dois grupos de crianças: as da nobreza e as de famílias menos afortunadas. Cada grupo tinha acesso a uma literatura completamente distinta. Enquanto as crianças da nobreza liam grandes clássicos, as menos favoreci-

das liam ou ouviam histórias de cavalaria e aventura. (NASCIMENTO, 2019).
É fundamental que a narração de contos esteja presente na sala de aula, baseada na aprendizagem e satisfação de poder gerar conhecimentos e aprendizagens.

A literatura está relacionada à prática de ouvir e contar histórias e provém da nossa necessidade de comunicar aos outros experiências, sentimentos e emoções(...) Ao usar as palavras e sobrepor a elas um toque especial de magia e encantamento, cada contador cria suas várias formas de narrar uma história. Foi desta ideia que surgiu o fascínio pelas formas de contar histórias tarefa (aparentemente) tão simples e de tão grande significação para quem escuta. Além de prazerosa a narração privilegia a transmissão de conhecimentos e valores tornando-se também responsável pela formação e desenvolvimento cognitivo e psicológico humano. (BERGMANN E SASSI, 2007, p. 201-202).

A narração de contos desempenha um papel crucial na transmissão de conhecimentos e é um fator determinante no desenvolvimento psicomotor do ouvinte. O hábito de contar histórias tem sido uma parte integrante da vida humana há muito tempo, sendo uma tradição oral que precede a escrita.
Esta prática simples serve como um mecanismo para as crianças lidarem com problemas, oferecendo sugestões e exemplos criativos de superação. Esta forma de comunicação atinge profundamente o íntimo da criança, pois as histórias sempre abordam temas e tratam do mal e do bem, propondo uma identificação entre a narrativa e o ouvinte.
Foi graças à tradição oral que muitas histórias se perpetuaram, sendo transmitidas de uma geração para outra. Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros, sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social cósmica. (PRIETO, p.19, 2011)

A contação de histórias igualmente concebida como método cronológico, acompanha a espécie humana desde o início, oferecendo interatividade e conversação aos primeiros residentes do planeta, e permitindo à humanidade o aprendizado da narrativa dos predecessores, nos dias atuais.
Os contos de fadas são geralmente histórias para crianças que apresentam personagens fantasiosos e maravilhosos como elfos, duendes, magos e fadas. O termo 'fada' refere-se não apenas às fadas, mas também ao cenário fantástico e mágico da história. Contos de fadas, na maioria das vezes tradicionais e transmitidos oralmente de geração em geração. Essas histórias são mais do que apenas finais felizes. Eles retratam verdadeiras lições de moral por meio de personagens. Essas histórias são cativantes e ajudam a aumentar o poder de imaginação e criatividade da criança.

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo das obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outros, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO, 1995, p. 18)

Os contos de fadas ajudam as crianças a entender o mundo ao seu redor. Eles vêm a saber o que é a virtude e o que são os vícios. Especialistas em educação infantil dizem que os contos de fadas são importantes porque permitem que as crianças experimentem coisas em suas mentes antes de experimentá-las no mundo real. Nessas histórias, tudo pode acontecer, mas no final da história, há uma solução. As crianças aprendem que deve haver uma solução para quantos problemas você pode enfrentar em sua vida real. Os contos de fadas ensinam as crianças a serem otimistas.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a

pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. (BETHELHEIM, 2008, p.15).

Estudos mostram que os contos de fadas trazem resultados positivos significativos no desenvolvimento de uma mente jovem.

AS CONTAÇÕES DE HISTÓRIA E A PREPARAÇÃO PARA A ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Contar histórias desempenha um papel importante no desenvolvimento da Alfabetização Infantil. Os contos de fadas atuam como um bloco de construção essencial para a alfabetização. A imaginação das crianças aumenta ainda mais ao ouvir contos de fadas. Pode-se envolver as crianças para discutir como a terra da fantasia ou os mundos incríveis dessas histórias podem ser diferentes ou iguais ao nosso mundo real. Por meio dessa interação com as crianças, isso os ajudará a expressar suas ideias com facilidade.

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande obra de arte, o significado mais profundo do conto de fada será diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fada, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. (BETTELHEIM, 2008, p. 20).

Estudos também mostram que atividades regulares de contar histórias podem ajudar a ampliar o vocabulário de uma criança.

As crianças aprendem com os personagens das histórias e isso as ajuda a conectar a situação com suas próprias vidas. As histórias mostram às crianças como ter uma visão positiva em meio a quaisquer ansiedades, batalhas e problemas da vida. Também ensina habilidades de pensamento crítico.

Durante os primeiros anos de meninice, as atividades lúdicas tornamse cada vez mais criativas e dramáticas à medida que a imaginação da criança floresce. Ao imitar os adultos, outras crianças, tipos de televisão, várias situações tipo “faz de conta” são encenadas com miniaturas de tipos humanos e animais, instrumentos do lar, bonecas, bola, argila e o que quer que haja em disponibilidade. “O equipamento de uma criança precisa estar relacionado com a idade e ser bastante variado para não restringir o “faz de conta” e as atividades relacionadas. Para a criança é com ser capaz de imitar as atividades da brincadeira de acordo com suas preocupações e interesses do momento. Ela precisa estar livre para explorar seu ambiente próximo e distante, bem como para procurar partes de detalhes a fim de obter entendimento de seus arredores e se si própria. É por isso que as crianças ensaiam muitas vezes suas experiências menos usuais e excepcionais até que estas comecem a fazer-lhes sentido (PIKUNAS apud PIAGET, 1936/1952: ALMY, 1966, p.217).

O mundo hoje pode ser visto como um lugar assustador. Muitas famílias e mais especificamente as crianças podem passar por um tremendo estresse. Nessa situação, as crianças precisam estar cientes de que coisas ruins acontecem com todos. Os contos de fadas podem ajudá-los a desenvolver resiliência emocional, ajudando-os a conectar as histórias com questões da vida real, onde na maioria das vezes o herói triunfa. Essas histórias mostram a eles que todos nós passamos por desafios na vida e que eles devem estar sempre preparados e acreditar que podem vencer na vida.

De acordo com Abramovich (1999, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Ler contos de fadas para crianças ou contar histórias não é apenas uma base para o desenvolvimento da alfabetização, mas tam-

bém dá ênfase a vários valores e comportamentos interculturais.
Os contos de fadas são ótimas ferramentas para ensinar as crianças sobre o desenvolvimento da história, resolução de conflitos, desenvolvimento de personagens, heróis e vilões e simplesmente ampliar sua imaginação.
Embora muitas vezes esquecidos, os contos de histórias devem ser considerados atemporais.

LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA
No Brasil apenas é permitido falar em uma literatura específica para crianças aproximadamente no desfecho do século dezenove e começo do século vinte; mesmo que desde a implementação da Imprensa Monárquica, em mil oitocentos e oito, tenham emergido as primeiras publicações destinadas aos jovens.
No entanto, é apenas nos desfechos do século dezenove que se originam os primeiros "Textos de Leitura" escritos por instrutores brasileiros, constituídos por versões e adequações da Literatura do continente europeu com a finalidade de serem difundidos nas instituições educacionais.
A consolidação da criação de literatura infantil no Brasil ocorreu após a Proclamação da República, em um período de urbanização onde surgiu uma população necessitada de educação e ansiosa para consumir os novos produtos culturais. Com a escola desempenhando um papel crucial na transformação da sociedade rural e urbana, houve uma convergência entre os livros infantis e os didáticos.
O grande marco foi a publicação de “A menina do Narizinho Arrebitado” por Monteiro Lobato em 1921. Ele demonstrou a importância de criar histórias para crianças em uma linguagem que elas pudessem entender e apreciar. Com ele, começou a verdadeira Literatura Infantil Brasileira. Lobato não apenas escreveu livros para crianças, mas construiu um mundo para elas. Entre seus predecessores, contemporâneos e sucessores, ele se tornou um marco, embora os que vieram antes dele sejam bastante restritos.
Diferentemente dos clássicos estrangeiros, Lobato não recriou suas histórias a partir de outras; ele as inventou. A maior inspiração de Lobato foi a própria criança, os elementos e ingredientes de sua experiência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetivos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo o que preenche sua imaginação. Ele redescobriu a criança, reuniu toda a riqueza e criatividade de seu mundo maravilhoso e construiu um universo para ela, um cenário natural, enriquecido pelo folclore de seu povo, aspecto indispensável à obra infantil.

Usando uma linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto: introduziu a oralidade tanto na fala dos personagens como no discurso narrador. Com uma obra diversificada quanto ao gênero e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional. (CUNHA, 1999, p.93)

Nos seus escritos, a conversa surge naturalmente, resgatando a situação original que dá significado ao processo de comunicação. No Sítio do Pica-pau Amarelo, encontramos Dona Benta, a personagem que narra as histórias para as crianças, recriando o ambiente das antigas narrativas orais, e
Tia Nastácia, a personagem que “orienta” as crianças (Pedrinho e Narizinho),
“outras criaturas” (Emília e Visconde de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó.
Segundo Kupstas (1993, p. 17):
Os contos de fadas são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais e eternos. Por volta do século II a.c até o século I da era cristã, o povo celta acrescentou, a tantas histórias bem antigas, a presença forte das fadas, que seriam mulheres iluminadas capazes de prever o futuro de outra pessoa, normalmente alguém especial a quem elas protegiam. Assim, a imaginação popular dotou-as de asas, varas de condão e diminuiu o seu tamanho, mas sempre as vendo como belas e bondosas.

Uma característica definidora dos contos de fadas segue organicamente da tradição oral e popular implícita: a combinação e recombinação de tramas e personagens familiares, dispositivos e imagens. Eles podem estar ligados a um conto de fadas conhecido em

particular - como Gato de Botas ou Cinderela -, mas os contos de fadas são genericamente reconhecíveis, mesmo quando a identidade exata da história em particular não é clara.
De acordo com Albino (2010, p. 4):
Embora a literatura infantil tenha surgido no século XVIII, foi somente no século XIX, que, relativizando, ainda que de maneira incipiente o flagrante pacto com as instituições envolvidas com a educação, ela define com a maior segurança os tipos de livros que mais agradam aos pequenos leitores, determinando suas principais linhas de ação: histórias fantásticas, de aventuras e que retratem o cotidiano infantil.

Portanto, a literatura representa momentos históricos e contribui no processo ensino aprendizagem, além de contribuir para os aspectos emocionais e afetivos. Percebe-se isso por meio dos contos de fadas desde as eras mais antigas até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as narrativas, os pequenos começam a entender que seus temores e dúvidas diminuem conforme o professor os faz pensar sobre eles, suas interações sociais começam a ter menos conflitos, graças aos momentos de diálogo sobre os acordos da classe, como normas de convivência e respeito.
O afeto começa a aparecer através do respeito ao próximo, atitudes altruístas e carinhosas. Assim, a criança começa a perceber que a amizade é uma conquista essencial para seu dia a dia.
Os contos de fadas auxiliam os pequenos a lidar com sentimentos de angústia e frustração. Por meio deles, as crianças começam a entender que adversidades podem ocorrer na vida de alguém e podem ser temporárias, pois sempre há uma pessoa bondosa, que para eles pode ser a fada, para ajudar na resolução dos problemas, como a mãe, avó, tia ou até a professora.
As histórias e os contos mantêm a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolização. Dessa forma, pode-se afirmar que contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, principalmente, o desejo de narrar os sonhos, sinais de uma vida imaginária mais intensa. Nota-se que quando a criança ou até mesmo o adulto lê ou ouve uma história, vivencia várias experiências e começa a imaginar, fazendo uma interação entre a história e sua vida real.
As histórias e os contos de fadas contribuem para o processo de ensinoaprendizagem e na cultura brasileira há uma grande influência. Através dos contos de fadas, pode-se observar os problemas internos dos indivíduos, principalmente das crianças e suas atuações em qualquer sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fani. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.
ALBINO, L. Duarte. A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino. Disponível em: www.littataru.com/literaturainfantil.pdf. Acesso em 2 nov.2023.
ALMEIDA, Valquíria Dias de etal. A importância da literatura infantil para a formação e o desenvolvimento do senso crítico das crianças. Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, v.6, n.6, p.3817-3828,2017. ARROYO, Leonardo. Literatura Infantil Brasileira. 3ªed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
BARROSO, T.S.N.; SILVA, C.R. Literatura na Educação Infantil: a influência da contação de histórias no processo de formação de pequenos leitores. Revista Maiêutica, Indaial, v. 3, n. 1, p.13-18,2015.
BERGMANN, L. M.; SASSI, R. G. O humor na literatura infantil. Educação Unisinos, v. 11, n. 3, p. 200-205, set./dez. 2007.
BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paze TerraS/A ,2009.
BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil.
Brasília: MEC/SEF, 1998.
BRASIL. Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília:

MEC/SEF, 2006.
BUSATTO, Cléo. Contar e encantar- pequenos segredos da narrativa. Petropolis: Vozes,2003.
BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Callandde Sousa. Ler e Escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora,2011.
CARVALHO, Bárbara V. A Literatura Infantil: histórica e crítica. 5ª ed. São Paulo: Global,1987.
CAVALCANTI, Joana. Caminhosdaliteraturainfantil.3ªed. São Paulo, Paulus, 2009.
COELHO, Bethy. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1996.
COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: história, teoria, análise.3.ed. São Paulo:Quíron,1984.
_____. Panorama histórico da literatura Infantil - juvenil. 1ª ed. São Paulo: Ática,1991.
COLOMBO, F. J. A literatura infantil como meio para a formação da criança leitora. 211f.Tese (Doutorado) – Ensino na Educação Brasileira. Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, Marília,2009.
DIAS, Mônica de Santana; SANTOS, Terezinha Oliveira. Contação de histórias e a identidade feminina. A Cor das Letras,-v.21,n.2,p.131-141,2020.
FARIA, et al; A influência da contação de histórias na Educação Infantil.
Mediação, Pires do Rio-GO, v.12, n.1, p. 30-48, jan-dez.2017.
LAJOLO, M. O que é literatura. São Paulo, Ed. Brasiliense, 17ª ed., 1995.
MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. MACHADO, Ana Maria. Textura: sobre leitura e escritos. RJ. Nova Fronteira, 2002.
MEDEIROS, Fábio H. N., MORAES, Taiza M. R. Contação de histórias: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2010.
MATEUS, A.N. B.; SILVA, A.F; PEREIRA, E.C; SOUZA, J.N.F: ROCHA, L. G.M.; NÓBREGA, Lyéde Ruggero de Barros. Educar com Contos de Fadas:
Vinculo entre a realidade e fantasia. São Paulo: Mundo Mirim, 2020.
PIKUNAS, J. Desenvolvimento Humano. 3 ed. São Paulo: Mc Grau – Hill do Brasil. LTDA, 1979.
PRIETO, B. (Orgs.) Contadores de Histórias: Um Exercício para muitas Vozes. 1. ed. Rio de Janeiro: s. ed., 2011. 240 p.
SANTOS, A. F; RODRIGUES, G.P; ASSUNÇÃO, M.B. & FLAVIANO, S.L.L.
"Quem quiser que conte outra": A contação de histórias como prática educativa. In.: III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG – Inovação: Inclusão Social e Direitos, Pirenópolis,2016.
ZIRALDO. A escola não está preparada para a mágica da leitura. Nova Escola, (Fundação Vítor Civita, nº25, out. 1988.